



## IDENTIDADE E DISCURSO: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA NO LOGOTIPO DE DIVULGAÇÃO DO SINAFRO 2018

(Autora) Joseilda Alves de Oliveira; (Coautora) Nara Karolina de Oliveira Silva.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) Campus de Pau dos Ferros. E-mail: [joshitalo@gmail.com](mailto:joshitalo@gmail.com); [narakarolina25@gmail.com](mailto:narakarolina25@gmail.com).

### RESUMO

Considerando a imagem do negro na sociedade atual como reflexo da representação que se tinha outrora, um passado marcado por lutas de identidade, de liberdade, de direitos, por resistência a uma cultura, onde o negro nada mais era do que objeto de trabalho dos senhores brancos, e como a representação da identidade do índio foi construída na literatura, objetivamos no presente trabalho, analisar, os possíveis sentidos que se manifestam no logotipo do evento (SINAFRO). Interessa-nos olhar não só para a materialidade linguística, mas para o todo da obra. Para tanto, nos norteamos a partir dos questionamentos: i) porque a escolha de um tom de cor e não de outro para a confecção do logotipo do evento; ii) que valores podem estar por trás da escolha dessa imagem feminina, na composição do logotipo; iii) considerando a construção verbal e não verbal do texto, o que essas escolhas podem nos revelar em relação a identidade construída dos povos afro-brasileiros e do cultura indígena. O trabalho assume como orientação teórico-metodológica central a teoria/análise dialógica do discurso (ADD) depreendida das reflexões do Círculo de Bakhtin e de comentadores desse Círculo. A análise empreendida é de natureza interpretativa com abordagem qualitativa. Tomando como *corpus*, o logotipo de divulgação do evento, retirada do site de apresentação. Os dados preliminares apontam que a construção discursiva, no logotipo do evento, se caracteriza por um fazer que se utiliza de elementos que valorizam a imagem do negro numa orientação de produção de sentidos que podem reafirmar ideologias dominantes e que houve um apagamento da cultura indígena.

Palavras-chave: Construção discursiva, Análise dialógica, Ensino.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

## INTRODUÇÃO

### 1.1 SOBRE O NEGRO NO BRASIL: DISCURSO E IDENTIDADE

Considerando o debate sobre a cultura afro-brasileira, desde a entrada do negro em terras brasileiras e, observando as literaturas que discorrem sobre a temática da escravidão, podemos compreender que embora haja uma quantidade considerável de dados, nessa literatura, é que “a escassez e a fragilidade dos dados com que se busca descortinar o passado africano impõem uma prosa entremeada por advérbios de dúvida” (SILVA, 2006, p. 16). E foram essas conotações equivocadas que permitiram ou que ratificaram, ao passar dos anos, um discurso ideológico que nada mais fez do que tornar diferentes os iguais. “As desigualdades são graves e, ao afetarem a capacidade de inserção dos negros na sociedade brasileira, comprometem o projeto de construção de um país democrático e com oportunidades iguais para todos. “(HERINGER, 2002, p. 58)

Por isso, ao analisarmos representações acerca das identidades culturais representadas no logotipo, texto imagético selecionado para análise, nesta pesquisa, precisamos compreender como estão sendo representadas as identidades negras e indígenas, no discurso. “Todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são” (HALL, 2003, p. 85).

A luta do povo negro acontece antecedente a formação do Brasil. Este enfrentamento tem início na resistência ao aprisionamento e à escravização, num período iniciado no final do século XV e começo do século XVI e perdura até a contemporaneidade. No entanto, na atualidade essa desvalorização e aprisionamento, porém, emergem em outras formas de violência, assume dimensões (re)-significadas. Na modernidade, a luta do povo negro contempla temas que abordam seus direitos, já legalizados, bem como importância e reconhecimento em escala econômica/social.

A condição de objeto, de coisificação e de distanciamento que o homem branco atribuiu ao negro, significa, nas palavras de Bakhtin uma zona de fronteira, que divide e limita. Constituindo assim, uma maneira de “[...] engolir para criar uma falsa ilusão de igualdade homogênea “(BAKHTIN, 2009, p. 154).

Compreendemos que, essa falsa ilusão de igualdade homogênea, se concretiza nas atitudes que acabam por não respeitar a raça negra, na sociedade brasileira. Percebe-se, em diálogo com as literaturas, um silenciamento em relação à trajetória do negro no Brasil que, ao ratificar a desconsideração pelo negro, fortaleceu os discursos e as atitudes de desvalorização daqueles que se julgavam superiores. Um espaço e tempo em o negro era visto apenas como um animal doutrinado e domesticado para atender os deleites das grandes elites. O “gente” do negro era desconhecido, “[...]”

as distinções e desigualdades raciais são contundentes, facilmente visíveis e de graves consequências para a população afro-brasileira e para o país como um todo”. (HERINGER, 2002, p. 58).

Considerando os “não ditos” em algumas literaturas associados ao mito da democracia racial, o racismo compreende uma realidade cultural enraizada na sociedade brasileira, disseminada disfarçadamente e autorizando homens e mulheres brancos a adotarem pretensas posições de superioridade. Esse tipo de atitude de brancos em relação aos negros traz resquícios de valores resultantes de uma história marcada pela escravidão, assassinato e depreciação do corpo negro. Nesta realidade o corpo do negro transforma-se em alvo de julgamento e inferiorização (SCHWARCZ, 2012), e a carga valorativa construída nesse contexto perdura na atualidade, emergindo em algumas situações onde são perceptíveis as atitudes de inferiorização do negro.

## 1.2 O NEGRO NO ENSINO

Percebe-se, que a partir do ano de 2003 após influência dos Movimentos sociais negros o surgimento da lei 10.639/03 enquanto um instrumento constituído para efetivação de igualdade para a população negra, no que se refere ao trabalho da cultura do povo afro nas redes de ensino do país, que a importância das relações sociais e étnico-raciais, nos processos educativos é compreendida, pela legislação da educação brasileira, e trabalhada com a finalidade de formação para a cidadania.

No entanto, podemos perceber em literaturas ou na persistência dos silêncios de algumas passagens da história que a escola precisa observar a aplicabilidade das políticas públicas na sua prática diária, que, por muitas vezes, acaba por difundir alguns discursos de desvalorização da cultura do negro. “A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas.”(GOMES, 2003, p. 77). Não custa admitir que, da mesma forma em que na rotina de trabalhos e responsabilidades a escola pode disseminar uma negatividade em relação ao negro, ou a qualquer temática, pelo seu caráter de formação e de responsabilidade, “[...] ela também é um importante local onde estas podem ser superadas.” (GOMES, 2003, p. 77).

O ensino precisa promover uma educação das relações étnico-raciais que possibilitem que as pessoas desconstruam os valores arraigados ao processo histórico de escravização e coisificação do negro. O processo educativo deve ser compreendido para formação do ser enquanto cidadão capaz de construir uma identidade sabendo a importância do Outro para sua construção (BAKHTIN,

2011), de forma que favoreça que os educando construam e se construam positivamente com o Outro em um movimento recíproco. Para tanto, é preciso que a história dos afro-brasileiros e dos africanos seja compreendida de forma que inclua a valorização das significativas contribuições que tivemos dos negros para a construção da sociedade brasileira.

## 2. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIGENA NO BRASIL

Entendemos que, fazendo pertencer a um determinado grupo social, com o passar do tempo isso nos permite um sentimento de pertencimento e construção de significados coletivos. Em meio as representações que lhes são apresentadas, os seres humanos elaboram seus conhecimentos e suas memórias e com essa construção vão se transformando em fontes de legitimação da representação do mundo e dos seres. (HALL, 2006).

Entende-se que as representações simbólicas são construídas através de práticas discursivas da linguagem, (VOLÓCHINOV, 2017), espaço onde, em diálogo com o Círculo de Bakhtin, entendemos a construção da identidade.

Evidentemente, que a partir do diálogo constante entre as pessoas, as relações de interação, seus posicionamentos em relação aos outros, torna-se possível entender a identidade não como algo imutável, parado, mas como aquilo que é construído em movimento, na diferença ou por meio dela, no que Bakhtin (2011) chama de singularidade.

O conceito de identidade pode ser compreendido a partir dos costumes, da forma de vida, da cultura, das representações simbólicas apresentadas e na forma como estas são inseridas na cultura. (HALL, 2012). Para tal entendimento o autor corrobora suas palavras:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. (HALL 2012, p. 108).

Compreendemos, portanto, que a identidade pode ser construída socialmente e que essa construção compreende cultura e representação, ou seja, construímos as representações a partir do que nos é apresentado. Assim, compreende-se que identidade indígena se forma que são formadas outras identidades a partir do “outro”. O contato, principalmente, com os colonizadores e os demais “outros”, com os quais os indígenas se defrontam ao longo da sua história, permitiu essa construção da identidade indígena que teve início por meio do contato com os europeus que chegaram ao Brasil

no século XVI. A partir das crônicas e narrativas dos viajantes, construiu-se ao longo do percurso histórico a identidade indígena que permanece nos discursos atuais na forma como os livros didáticos, a sociedade, a escola, as comunidades não indígenas apresentam a cultura do índio.

### **3. METODOLOGIA**

A fundamentação teórico-metodológica adotada no presente trabalho se reporta às ideias de Bakhtin e o Círculo Bakhtin, a análise empreendida na construção discursiva se realiza em conformidade com a perspectiva da análise dialógica. Compreendendo, portanto, o estudo realizado, como uma pesquisa de natureza interpretativa e de abordagem qualitativa. E para análise da construção discursiva, serão considerados os possíveis posicionamentos valorativos expressos na construção do Logotipo do SINAFRO- 2018.

### **4. CONSTRUINDO A DISCUSSÃO**

#### **4.1 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO: VISÕES DIALÓGICAS**

A construção da figura negra sempre esteve pautada nas características físicas e, sobretudo, no seu histórico de escravização pelo homem branco. Os grandes cânones literários, por exemplo, pautavam-se numa noção bem tradicionalista para sua época, quando havia nas produções a exaltação do “belo”, bem como o reverenciamento as classes abastadas, ou seja, nas obras desses cânones reinava a ótica dominadora do branco sobre o negro, este que sempre tivera sua imagem estereotipada, vistos como indivíduos serviçais, alienados, arraigados ao legado da escravidão, atribuindo-lhes ainda, a imagem de marginalizado. Predominava-se assim uma literatura preconceituosa, etnocentrista, levando o grupo dominado a uma supressão de identidade.

Diante desse cenário é perceptível que a imagem do negro sempre fora ligada a seus traços físicos (nariz avantajado, boca carnuda, cabelos encaracolados, pele escura) e as posições que ocupava na sociedade (escravo). Essa visão estereotipada também está ligada a acontecimentos históricos, como momentos pós independência em comunhão com a lei áurea, houve a necessidade de (re)criar uma identidade nacional aos costumes tradicionalista da qual o negro não fazia parte, ouse já, nessas novas teorias racialistas reinava “[...] a inferioridade da etnia negra, apresentando-a como animalesca e incivilizada. Neste cenário preconceituoso e excludente, restaram ao negro, as posições mais subalternas da sociedade.” (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 03)



Desse modo, nos interessa evidenciar como essa imagem ainda perdura na atualidade, para isso, analisamos como se dá a construção de sentidos a cerca da imagem do negro no logotipo do SINAFRO 2018. Vejamos agora o logotipo do evento para que possamos construir possíveis sentidos a cerca da maneira como foi elabora e configurado como produto final.

### Logotipo do SINAFRO - 2018



Retirada da página do site de divulgação do evento.

Conforme Bakhtin (2011), ao refletirmos sobre os sentidos e as palavras, não devemos estabelecer limites para eles, devemos pensar na sua infinitude, uma vez que são frutos da interação social, (re) construídos nos diálogos outros, passados. Segundo esse mesmo autor, devemos olhar para o todo da obra, para que dessa forma possamos não generalizar os dados de uma pesquisa.

Após essas reflexões sobre o (s) sentido (s), partiremos para a análise do *corpus*. Observando atentamente o fundo da imagem vemos que este não se apresenta com cores fortes, chamativas, mas com uma cor marrom, já em uma tonalidade apagada, desgastada pelo tempo, que nós inferimos estar ligada ao tempo em que os negros eram mão de obra escravizada, mais especificamente, essa tonalidade reflete para nós a cor das instalações onde os escravos passavam as noites, ou seja, as senzalas. As rachaduras também são associadas às paredes das senzalas, o sombreado nas laterais do material nos reflete as noites escuras, as quais os negros estavam renegados. A cor, em tonalidade envelhecida e sem vida, pode ser associada ao apagamento da cultura desse povo, de suas raízes, de sua identidade.

Se olharmos atentamente para o fundo da imagem, também é possível observar a presença de dois negros dançando. Cenas como essa se davam nos raros períodos em que os negros não estavam trabalhando. No entanto, essa imagem que seria uma representação genuína da cultura

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

negra, encontra-se num espaço recolhido, em um tamanho pequeno, bem à margem do centro. A dança e o canto eram as formas que esse povo encontrava para não esquecer suas origens, sua identidade, bem como de descansar o corpo de toda exploração branca. Fica-nos a inquietação, por que essa imagem que poderia, dentre as demais, melhor representar a cultura afro, não foi melhor valorizada? Fica perceptível assim, que diante de todo esse discurso de igualdade, ainda reina a supremacia da ideologia oficial, “entendida como relativamente dominante, procurando implantar uma concepção única de produção de mundo” (MIOTELLO, 2016, p. 168- 169)

Com um olhar, ainda mais dialógico, para o todo da imagem, percebemos que a figura feminina pode estar representando homens e crianças negras, pois esta aparece enquanto símbolo de força, resistência e, também de beleza (mulher negra, vaidosa, cabelos encaracolados, turbante), como se observa na imagem que está à esquerda da sigla do vento. Mas é importante destacar que na figura feminina, de rosto afilado, perfil “bonito”, a cor negra foi apagada, houve o branqueamento da imagem. No entanto, a figura masculina que se encontra destacada à direita, abaixo da sigla do evento compreende traços da caricaturização do negro, cor escura, avermelhada, nariz avantajado, olhos expressivos e lábios grandes/carnudos, dentes para fora ( por muitas vezes é associada a imagem do macaco), o que nos retorna a discussão inicial dessa análise, em que mencionávamos que ao longo da história as literaturas sobre a cultura afro contribuiu para a construção de desvalorização do negro.

#### **4.2 O ÍNDIO E SEU DESAPARECIMENTO NO LOGOTIPO DO SINAFRO**

Na sociedade circulam construções estereotipadas dos indígenas que acabam por constituir uma representação aprisionada a conceitos fixados, como exóticos, selvagens e habitantes da floresta. Esses desenhos representativos procedem de muitos discursos difundidos na sociedade que desconsideram “[...] praticamente toda a trajetória histórica dos indígenas, marcada por resistências, fugas, capitulações, negociações e tentativas de extermínio” (SILVA, 2012, p. 66). Simplificar as diferenças, numa tentativa de apagar a figura do outro ou procurar fixar dentro de uma representação naturalizada, está relacionado à atitude de “[...] lidar com a presença do outro sem ter de se envolver com o custoso e doloroso processo de lidar com as nuances, as sutilezas e as profundidades da alteridade” (SILVA, 2001, p. 51).

Pelas observações realizadas ao material do logotipo do evento, podemos perceber que nem essa representação distorcida do índio, produzida a partir do discurso “dominante”, fora apresentada, pois houve um claro apagamento da representação indígena no texto imagético que



constitui o logotipo do SINAFRO 2018. Não há, no logotipo produzido, nenhum diálogo com a representação do índio. O dialogismo pode ser aplicado à relação entre as línguas, as literaturas, os gêneros, os estilos e até mesmo entre as culturas, pois todos esses itens trazem em comum a linguagem (BAKHTIN, 2011). Na linguagem utilizada para composição do logotipo ocorre o que Bakhtin chama de “apagamento de vozes”. As vozes indígenas foram apagadas, caladas, no processo de construção e produção do logotipo analisado, já que não há, na composição do material, imagens ou cores que façam uma relação representativa da cultura indígena.

È importante salientar aqui que essa visão não está sendo veiculada por sujeitos que defendem a supremacia de uma raça em relação à outra, na qual a visão de mundo se associa a das desigualdades sociais como algo natural, mesmo sendo produzida por uma empresa essa imagem está sendo logotipo de um evento acadêmico, espaço que preza pela heterogeneidade dos sujeitos pela diversidade de povos, de culturas, de dizeres, espaço de inclusão, de debates, de igualdade, de tolerância.

## 5. CONCLUSÕES INACABADAS

Apesar de estarmos em pleno século XXI, onde as discussões acerca da tolerância, da igualdade, permanecem mais ativas, ainda existem visões conservadoras construídas a partir de um discurso difundido por uma minoria que se considera superior culturalmente. Veiculados não só nos diálogos do cotidiano, mas também nas esferas de maiores prestígios. Considerando essas visões ainda fechadas sobre a população negra, construídas ao longo das décadas, analisamos os possíveis sentidos que se manifestam no logotipo do evento (SINAFRO) 2018.

Na análise do *corpus*, pudemos observar que, apesar de haver uma intenção de valorização da imagem do negro no logotipo do evento, acaba existindo um apagamento desse sujeito. Fato que se revela, não só nas escolhas dos tons de cores para confecção do evento, mas também na caricaturização do rosto feminino, bem como o pagamento de sua cor, como se pode observar na imagem. Compreendemos que,

[...] a imagem do negro foi bestializada, associada a atraso e degradação social. O bandido, o degenerado, o vagabundo, o sujo e o bruxo foram apenas alguns dos estereótipos vinculados aos ex-escravos. Foi assim que a identidade nacional, e conseqüentemente a imagem do negro, foi estrategicamente planejada pelas elites brasileiras. Este processo identitário demarcou diferenças entre os sujeitos da sociedade. Importante ressaltar que os estereótipos ainda estão, mesmo que subjetivamente e veladamente, presentes em nossa sociedade, por vezes transformando-se e adaptando-se. (WINCH; ESCOBAR, 2012, p. 04)

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

Assim, esses estereótipos do negro nunca deixaram de existir, vão apenas se renovando a cada época. O escravo nunca sai da pele escura do ser negro, o passado permanece nas construções da sua imagem, o outro (conservadores) lhe conferem o olhar de segundo plano, isto é, de um sujeito serviçal, escravo, inferior. Mesmo que essa visão, ainda presente-se de forma velada e seja necessário olhar crítico, para enxergá-la.

A análise realizada nos permitiu enxergar, não só o apagamento das raízes afro-brasileiras, mas o apagamento da voz e da imagem do índio, este, que diferentemente do negro, se quer aparece na construção do logotipo do evento. Vale ressaltar que o índio também fazia parte dos povos contemplados no evento.

Faz-se necessário atentar para o fato de que esse logotipo está sendo o “cartão de visita” de um evento acadêmico, espaço em que as discussões sobre a linguagem acontecem fervorosamente, e os sentidos são incontrolláveis. É necessário pensar a construção da identidade cultural com um olhar mais dialógico, sempre considerando a participação do outro na construção das culturas, da dele e da sua. O olhar do outro pode nos apontar outros horizontes. É preciso observar os sentidos para desconstruir alguns que possam estar sendo veiculados, ainda arraigados a ideologias dominantes.

## 6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Bakhtin Dialogismo e Polifonia. São Paulo/SP: Editora Contexto, 2009, p 154.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro. n.23, p.75-85. 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 167- 176.

SILVA, G. J. da. **Categorias de entendimento do passado entre os Kadiwéu: narrativas, memória e ensino de história indígena**. Revista História Hoje, v. 1, nº 2, p. 59-79, 2012.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006..

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

WINCH, R. R; ESCOBAR, G. V. **Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira**. Cadernos de Comunicação. V.16, N.2, jul- dez, 2012. Disponível em:<<http://doczz.com.br/doc/320046/os-lugares-da-mulher-negra-na-publicidade-brasileira..>> Acesso em: 05 de abr. de 2018.